



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA –
DIVERSIDADE CULTURAL**

**TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:
INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA OBRA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

RAQUEL SANTOS SOUZA

**FOZ DO IGUAÇU
2019**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA –
DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:

INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE OBRA DE CAROLINA

MARIA DE JESUS

RAQUEL SANTOS SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao
Instituto Latino-Americano de Arte,
Cultura e História da Universidade
Federal da Integração
Latino-Americana, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharel em Antropologia –
Diversidade
Cultural Latino-Americana.
Orientadora: Prof. Dra. Senilde
Alcântara Guanaes

RAQUEL SANTOS SOUZA

**TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E
CLASSE NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao
Instituto Latino-Americano de
Arte, Cultura e História da
Universidade Federal da
Integração
Latino-Americana, como
requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em
Antropologia – Diversidade
Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Senilde
Alcântara Guanaes
(UNILA)

Prof. M.^a Livia Fernanda Morales
(UNILA)

Prof. Dra. Jacqueline da Silva Costa
(UNILAB)

Foz do Iguaçu, 11, de Dezembro de 2019.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do auto(a): Raquel Santos Souza

Curso: Antropologia: Diversidade Cultural Latino-Americana

	Tipo de Documento
(x) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(x) monografia (.....) dissertação (.....) tese
(.....) doutorado	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais (.....)

Título do trabalho acadêmico: **TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Nome da orientadora: Prof. Dra. Senilde Alcântara Guanaes

Data da Defesa: 11/12/2019

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino- Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu 11 de Dezembro de 2019



Assinatura do Responsável

TODA CAROLINA É UM ATO DE AUTO:
INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA OBRA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

RAQUEL SANTOS SOUZA



Inspirado na biografia de Carolina Maria de Jesus, este texto está dedicado às mulheres negras de periferia que combatem o racismo, o sexismo e o classismo; sem desistir de seus sonhos. Está dedicado àquelas cuja trajetória é resultado de atos de auto (autofinanciamento, autobiografias, autodeterminismo). Porque não desistimos de nós, em nossos atos de “auto” nos dignificamos. Porque ser o ponto de partida da própria escrita é ato político.

AGRADECIMENTOS

À maravilhosa Maricélia da Costa, por me mostrar formas de enfrentamento dos meus medos em um mundo cheio deles. Te Amo, Mãe. Ao meu pai Sebastião Ribeiro, que mesmo entre divergências não cessa de me amparar. À Inês Periquito, que me ensinou a acolher as minhas vulnerabilidades para nunca me sujeitar a elas. Vó, te amo. À Cláudia Santos por me constranger a aceitar a potência que eu me tornei. À Senilde Guanaes por aceitar orientar essa monografia. À Vera Eunice que acolheu e contribuiu muito à realização deste trabalho. À Jacqueline Costa que, ao se movimentar, movimenta toda estrutura de novas intelectuais negras. Ao carinho e afeto despendido durante toda a minha estadia em Redenção e fora dela. À Angélica Pereira por me despertar para as vozes do “feminismo periférico”, esse trabalho tem pouco de mim e muito de nós. Axs amadx Gerson Galo, Fagner Pimentel, Cíntia e Koli pela constância. Ao amigo Robson Gibim, que eu nem sei bem como agradecer pelo tanto que me ajudou. Gratidão, Robson. Às mulheres Itaneêm Celeste; Joelma Brito, Poliana Jardim, Rayane Guimarães, Ane Hericks, Liliane Martins, Valéria Quijosaca, Juliana Zacarias, Laís Cabral, Mel, Janaína Santana; vocês não sabem a dimensão do meu amor por vocês. Ao Boe (Cauê Galvão) que, mesmo distante, não cessa de se fazer afeto. Celebramos essa amizade que brota em todas as direções, sem um começo e, portanto, sem um fim. Se cuida, boe. Ao coletivo de LAMC - Teatro y Fronteira, por me acolherem. Axs membrxs e responsáveis pelo projeto de Extensão Teatro Musical (UNILA) por me desafiarem a deixar as “caixas”. Por último, à cia. de capoeiristas que me ensinaram a me entregar à arte da ginga e a fazer dela minha principal defesa: Natalia Cabanillas, Dani Guerra, Sávio, Mestre Cobra Mansa; Instrutor Rato, Carla, Thierry, Bugão, Cintia e Hugo. A oportunidade de conhecer vocês fez de mim quem sou. Muito obrigada por acreditarem...

*“O trocadilho fez de uma tal maneira, que quanto menos a pessoa tem mais eles menosprezam, mais eles jogam fora.”
(Estamira, 2004)*

*“Não digam que fui rebotinho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora.”
Carolina Maria de Jesus*

“O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (Audre Lorde)

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória de Carolina Maria de Jesus como intelectual negra e de periferia à luz dos escritos autoetnográficos produzidos durante as décadas de 60-70 na Favela do Canindé-SP e do testemunho de Vera Eunice, sua filha caçula. Através de sua escrita de Carolina denuncia a marginalização e a precariedade da vida dos moradores dessa periferia localizada próxima às margens do Rio Tietê. Para tanto, esta obra se apoia em conceitos, tais como autoetnografia e interseccionalidade para analisar as condições sob as quais Carolina Maria de Jesus escrevia suas obras. Carolina Maria de Jesus impressiona pela resistência de seguir escrevendo mesmo em escassez de condições socioeconômicas que a privaram de tempo e recursos. Este texto conta com os relatos de Vera Eunice sobre a trajetória insubmissa e resiliente da mãe.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Autoetnografia; Carolina de Jesus; Resistência; Favela.

RESUMEN

Este estudio analiza la trayectoria de Carolina María de Jesús como intelectual negra y periférica a la luz de los escritos autoetnográficos producidos durante las décadas 60-70 en la Favela Canindé-SP y el testimonio de Vera Eunice, su hija menor. A través de su escritura de Carolina, denuncia la marginación y precariedad de la vida de los habitantes de esta periferia ubicada cerca de la ribera del río Tietê. Para ello, este trabajo se basa en conceptos, como la autoetnografía y la interseccionalidad para analizar las condiciones en las que Carolina María de Jesús escribió sus obras. Carolina María de Jesús está impresionada por la resistencia a seguir escribiendo incluso en la escasez de condiciones socioeconómicas que la privaron de tiempo y recursos. Este texto presenta los informes de Vera Eunice sobre la trayectoria resistente y no entregada de su madre.

Palabras clave: Interseccionalidad; Autoetnografía; Carolina de Jesús; Resistencia; Favela

Sumário	
AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
RESUMEN	10
INTRODUÇÃO	12
PALAVRAS INICIAIS	17
O desafio das mulheres negras intelectuais	22
Sobre signos e poderes	25
Da realidade desencantada ao encantamento do social	25
Os homens e o amor na vida de Carolina	26
Fome	27
O ofício de escrever	28
2 PARADOXOS DA URBANIZAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES VERSUS A FOME DAS FAVELAS	29
2.2 FAVELA DO CANINDÉ: UM PROJETO POLÍTICO DE EXCLUSÃO	32
A história de vida de Vera Eunice	35
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	43
ANEXOS	45
Adolescência	47
Vida pessoal de Carolina	47
Sítio em Parelheiros	48
Carreira	49
Escritos de Carolina	50
Entre Carolina e Eunice	51
Falecimento de Carolina	52
O presente	53

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe analisar a trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus como intelectual negra à luz de suas obras e do testemunho de sua filha Vera Eunice no período que compreende as décadas de 1960-1970. A escritora fez de seus livros cenário para denunciar as exclusões, o abandono afetivo que a tornou mãe solo de três filhos e o descaso estatal por pertencer à parcela preterida socialmente: mulheres negras de periferia.

Ao longo dos textos de Carolina Maria de Jesus observamos os desdobramentos do progresso urbano em detrimento da precarização dos espaços de margens, a autora narra episódios desde o local em que vive: a favela do Canindé, atualmente onde se encontra o Estádio da Portuguesa em São Paulo. As lembranças da filha, Vera Eunice, conectam com as falas de Carolina de Jesus, no que diz respeito à preocupação da mãe em alimentar os filhos e a falta de oportunidades às mulheres negras da periferia.

Este texto aponta como a produção escrita de Carolina de Jesus e seus relatos do cotidiano contribuem como fonte de análise para pensar a urbanização na cidade de São Paulo. A biografia da escritora ora tratada aqui tem por base o autorrelato em *Diário de Bitita* (1989) e *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), e esse material junta-se com as entrevistas da pesquisa de campo em São Paulo. As conversas com a filha mais nova de Carolina de Jesus, Vera Eunice, aconteceram em junho de 2019 em seu local de trabalho.

O texto intercala o uso de fontes escritas com as transcrições das conversas com Vera Eunice. As entrevistas aconteceram em diferentes dias e locais no mês de junho de 2019 no local de trabalho de Vera Eunice de Jesus, na zona sul da cidade de São Paulo e em outras partes da grande metrópole. No primeiro momento as conversas foram conduzidas a partir de perguntas semiabertas.

As perguntas realizadas eram sobre temas gerais da vida de Vera Eunice que se conectam com a trajetória intelectual de sua mãe, principalmente quando dizia respeito à descrição dos momentos e dos locais da escrita de Carolina. Durante as primeiras conversas tentamos manter um registro de eventos a partir das décadas. Contudo, ao longo do trabalho de campo percebemos a necessidade de focar nos acontecimentos marcados por fases como: os primeiros anos, a adolescência, a

carreira etc. Os relatos de Vera Eunice podem ser lidos na íntegra ao final do texto, pois estão dispostos em forma de anexos.

Partindo de sua autobiografia e dos retratos traçados por Vera Eunice, podemos sugerir que tanto na vida pessoal quanto na sua caminhada como autora a trajetória de Carolina foi resultado de seus muitos “atos de auto”. O Ato de se autobiografar e autofiar-se fez com que o sonho de ser escritora fosse possível. Com isso, não espero que esse texto ou mesmo essas palavras reforcem o sistema de meritocracia atual, uma vez que ele é indefensável, haja vista o grau de desigualdade que segue promovendo. Escrevo para reforçar que, mesmo sem o mínimo, Carolina seguiu sendo o ponto de partida da própria escrita.

A autora sustentava os filhos com o que ganhava como coletora de embalagens recicláveis, com o que conseguia mal podia matar a fome dos filhos, por isso a fome é uma constante nos seus textos. Ela dedica muito espaço dentro de sua literatura para falar da fome física, essa fome que frequentemente sentia. A Fome aparece nas obras como esse personagem indesejado e abstrato, mas de reações muito concretas, como o amarelo do vômito de quem não traz nada no estômago. Amarela era a cor que conhecia muito bem. Amarela era a cor da fome, fome, fome, fome. A pura ausência de matéria que sustenta o corpo.

Quantas vezes Carolina não teria escrito em estado de fome? Em seu livro de provérbios escreveria que “a fome é a dinamite do corpo humano”. Em estado de fome, diariamente a autora alimentava seu sonho de ser conhecida por suas palavras. De acordo com Vera Eunice (2019) era no silêncio da madrugada, principalmente, que a mãe escrevia, porém antes tratava de alimentar os filhos. Podemos dizer que as palavras de Carolina ganharam o mundo, com publicações em 14 línguas. Em sua homenagem foram erguidas e nomeadas muitas “bibliotecas, ruas, avenidas”, diz Vera Eunice (2019).

A poeta negra Bell Hooks, considera intelectual aquele/a que transgride “fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (HOOKS, 1995, p. 467). Foi pensando nisso que nesse trabalho retomamos a importância de Carolina de Jesus no rol de intelectuais brasileiras/os que ultrapassam as fronteiras dos discursos para dialogar simultaneamente com o social e o político.

Segundo a autora Carolina, os sujeitos expostos à marginalidade na periferia que vive carregam, além da cor amarela da fome, a pele negra, e vivem suas vidas de modo “análogo à escravidão” (JESUS, 1989). A periferia do Canindé nas décadas de 1960-1970 assemelha-se a outras ao longo da América Latina, no que diz respeito à situação como se encontram e a “raça” das pessoas que as ocupam.

Aníbal Quijano (2005) considera que a marginalização social atual de determinados sujeitos (negros/as; indígenas; mulheres) se deu em virtude da colonização ibérica nos territórios americanos, e se institucionaliza a partir do próprio aparato legal de poder.

Para Quijano (2005, p. 778-779):

La formación de relaciones sociales fundadas en dicha idea produjo en América identidades sociales históricamente nuevas: indios, negros y mestizos, y redefinió otras. (...) Y en la medida en que las relaciones sociales que estaban configurándose eran relaciones de dominación, tales identidades fueron asociadas a las jerarquías, lugares y roles sociales correspondientes, como constitutivas de ellas y, en consecuencia, al patrón de dominación colonial que se imponía. En otros términos, raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población.

A última parte da citação acima diz que a “Raça e identidade racial foram usadas como instrumentos de classificação da população”. Outra importante reflexão foi realizada por Rita Segato (2005) no que diz respeito à assimilação de raça como signo, e, portanto, visível, não se pode esconder. Logo, todas/os aquelas/os sujeitos não portadores dos signos (fenótipos) dos colonizadores ibéricos estariam passíveis de serem colonizados e, conseqüentemente, subordinados.

Poucos teóricos sociais analisaram o impacto da construção de “raça” durante a hierarquização das relações interpessoais nas relações laborais. Assim, os estudos associados às opressões frequentemente são trabalhados como problemáticas do desenvolvimento econômico. Ou como conseqüências diretas do capitalismo. Porém, para teóricos como Ramón Grosfoguel (2012) tais relações transcendem as relações econômicas, infere ele que isso inclui um conjunto de relações:

raciais, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, pedagógicas, epistemológicas, todas articuladas em uma matriz de poder colonial que estabelece a superioridade biológica e/ou cultural das populações de origem europeias construídas como “ocidentais”, sobre as populações não europeias construídas como “não ocidentais”. (GROSFOGUEL, 2012, p. 341)

Paralelo a isso, somam-se outras categorias como gênero, religiosidade e marcadores linguísticos. Segundo Gayatri Spivak (2010), esse tipo de dominação pode ser capaz de determinar quais são os sujeitos que podem “falar” no rol dos sujeitos de direitos nas sociedades modernas. Para Spivak (2010, p. 29) nem mesmo as tradições pós-modernistas, a exemplo dos trabalhos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, deixaram de ter no Ocidente o sujeito discursivo. Parte disso é acentuada pela violência epistêmica que condiz com a construção do sujeito colonial com “outro” e, portanto, obliterado dentro do discurso (SPIVAK, 2010, p. 24).

A partir do pensamento de Kimberlé Crenshaw (2017), podemos observar que quanto mais vias de intersecções que discriminam um sujeito dito subordinado apresenta, menor é o seu poder de articulação na sociedade à qual pertence. Nas palavras de Spivak (2010, p. 67): “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

Para Chandra Mohanty (2008) isso recai sobre as mulheres não brancas e/ou não pertencentes a determinadas classes/castas dominantes. Como resultado, essas mulheres estão duplamente apagadas no interior das narrativas oficiais e invisibilizadas dos processos históricos dos quais elas mesmas são protagonistas (SPIVAK, 2010; SCOTT, 2012).

Esse trabalho é relevante à medida que visa pensar as representações discursivas das mulheres silenciadas nos países do Hemisfério Sul, em sociedades colonizadas, onde a linguagem utilizada é principalmente como recurso do discurso masculino (ANZALDÚA, 2000). A linguagem acaba por fazer-se um “repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos” (ADICHIE, 2017, p. 35).

Nesse sentido, a História de Vida aparece como instrumento metodológico deste trabalho através da exposição da visão das mulheres, até então, silenciadas nas representações discursivas (BEHAR, 1990). O interesse por estudar a trajetória da escritora Carolina Maria a partir da História de Vida contada por Vera Eunice surgiu após a leitura das obras *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami* (2015) de David Kopenawa e Albert Bruce; *Rage and Redemption: Reading the Life Story of a Mexican Marketing Woman* (1990) de Ruth Behar.

O relato de David Kopenawa, xamã yanomami, versa pelo “pacto etnográfico” feito entre Bruce Albert (2015) e a comunidade, no qual a participação social do pesquisador em campo se tornou quase uma condição indispensável à execução de seu trabalho. No livro, Davi Kopenawa remonta aspectos cruciais do mundo espiritual e da vida terrena do povo que integra.

Segundo Davi Kopenawa, os yanomami brasileiros acreditam que o mundo pode desaparecer se novamente o céu vier a cair, como foi no passado, resultado da maneira destrutiva como os seres humanos se relacionam com a natureza. Isso porque para ele, “a vida na floresta não é fruto do nada (os brancos) devem pensar que o seu chão e suas montanhas não estão ali à toa” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 120).

A proposta da escrita articulada pelo antropólogo Bruce Albert (2012, p. 129) parte da emergência do movimento étnico no contexto da produção etnográfica. O trabalho de campo nos moldes malinowskiano, muitas vezes, não corresponde às demandas das comunidades analisadas, algo que acaba por exigir que o/a pesquisador(a) em campo adote outra postura, que não apenas a observação-participante.

Ao escrever *Toda Negra É um Ato de Auto*, assim como Ruth Behar (1990) propõe, versamos pela importância da visão das mulheres “womens view” no cenário de produções literárias sobre mulheres. De acordo com Ruth Behar (1990), as representações existentes e feitas por mulheres ocidentais reforçam uma imagem distorcida das mulheres “terceiro-mundistas”. As mulheres do Sul acabam representadas como mulheres e mães submissas, menos educadas, e, principalmente, não modernas quando comparadas às mulheres ocidentais.

As produções de Carolina de Jesus remetem à emergência de um debate sobre gênero que ultrapassem as correlações entre “gênero e submissão ou família nuclear patriarcal” (categorias estruturantes do feminismo da década de 60), usadas deliberadamente pelas feministas ocidentais sem refletir sobre as especificidades de outras mulheres (OYERÓNKÉ, 2004).

Das perguntas que norteiam este texto destacamos:

- Como a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser usada para retratar os processos de exclusão das/os negras/os na cidade de São Paulo nas décadas de 1960-1970?
- Como a literatura de Carolina Maria de Jesus pode ser vista como material propulsor de luta por igualdade de gênero e racial?

Este trabalho se insere nos estudos antropológicos que projetam no campo etnográfico não apenas a localidade dos “sujeitos da pesquisa”, mas o pacto dos envolvidos durante o processo da pesquisa (BRUCE, 2012). Com isso, visa-se à desnaturalização da pouca representatividade das mulheres negras por outras mulheres negras nos centros acadêmicos (BEHAR, 2010).

Tendo dito isso, este texto se divide em duas partes:

A primeira parte consiste na “Introdução”, ora relatada, onde apresentamos o tema analisado contendo aspectos gerais da temática, justificativas, objetivos e os procedimentos metodológicos que subsidiaram o desenvolvimento dessa pesquisa. Sequenciado por “Palavras iniciais”, onde discorreremos sobre as razões pessoais que motivaram essa escrita sobre a trajetória da intelectual Carolina Maria de Jesus e seus variados atos de autos inventados para resistir.

Na segunda parte do texto, em “Paradoxos da urbanização: progresso versus fome”, colocamos ênfase nos registros autoetnográficos de Carolina de Jesus, onde a autora fala sobre as consequências da urbanização na capital e as implicações de ser mãe solo¹ em tais circunstâncias. Seus escritos descrevem o cenário de escassez dos moradores da periferia, sem acesso a água encanada e a rede de esgoto; assim como mostram a rápida proliferação de edificações irregulares.

1.1 PALAVRAS INICIAIS

Vejo-me conectada às demais mulheres negras no desafio de significação de nossas experiências enquanto intelectuais em movimento. Processo esse que pode vir acolhido por uma escrita a partir de si, o que nos remete quase sempre a um contexto íntimo de afetos e memórias. Particularmente, as memórias recordadas são

¹ O termo mãe solo tem sido usado nas redes virtuais com o objetivo de substituir o termo mãe solteira, por considerar que esta seja uma expressão machista e pejorativa.

as de meu pai escrevendo seus sermões de domingo e as de minha mãe treinando sua escrita e leitura para o término do Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Meu pai Sebastião Ribeiro, torneiro mecânico de profissão, ainda hoje escreve seus sermões em letra cursiva, mas de um modo mais vagaroso por causa de problemas na visão. Ao escrever meu pai mostrava-se confiante no que eu julgava ser o domínio do conteúdo e da linguagem que estava sendo usada. Ao passo que a escrita de minha mãe, Maricélia da Costa, auxiliar de serviços gerais, era um pouco mais vagarosa e trêmula, porém cuidadosa e detalhista. Recordo de haver ajudado minha mãe com algumas atividades escolares para que pudesse terminar o EJA.

Esse fato me remete ao testemunho de Vera Eunice (2019), quando esta explica que a sua primeira aluna foi sua mãe, pois ao se formar em outras condições a interlocutora podia ajudar a mãe com a conjugação correta dos verbos e ortografia utilizadas na escrita dos livros. Vera diz que um dos grandes sonhos da mãe era escrever e falar o português com perfeição. Vemos claramente como essa cumplicidade entre mãe e filha para além dos afetos que suscitam são teias de solidariedade feminina.

Hoje em pleno movimento de escrita vejo-me conectada a tais recordações. De modo a buscar a confiança e fluidez de meu pai sem esquecer do cuidado de minha mãe. Escrever tem sido um ato de autopercepção e de enfrentamentos, ou, nas palavras de Audre Lorde, um modo de romper com o silêncio.

Ainda sobre meus pais, mesmo que ambos tenham interrompido os seus estudos para ajudar no sustento de suas famílias na adolescência, minha mãe se viu ainda mais prejudicada do que meu pai, o que fez com que ela concluísse o ensino médio apenas após o nascimento de minha irmã Rafaela. Observo que esse atraso da minha mãe em sua formação foi devido a tantos eixos que a interseccionam durante toda a vida: “raça, gênero, maternidade, ‘papéis de gênero’, classe e religião”. Como foi explicado anteriormente pela teórica Crenshaw (2017).

Entre os anos de 1998-2000, eu observava o meu pai atento aos seus estudos e a aversão de minha mãe às mesmas atividades. Após o nascimento de minha irmã, minha mãe ficou ainda mais atarefada e eu também. Aos dez anos eu a ajudava no cuidado da bebê, enquanto minha mãe conciliava a jornada laboral com o término de seus estudos no ensino médio. Um pouco depois do nascimento dela, meu pai iniciava seus estudos no curso de Teologia no Seminário Batista.

Submersa na rotina de trabalho, casa, filhos, formação e o diaconato, minha mãe concluiu o ensino médio. No ano seguinte meu pai concluiu o curso superior de Bacharel em Teologia. Após anos de sujeição aos dogmas religiosos e patriarcais, percebo o quanto o capitalismo-cristão (WEBER, 2005) exige obediência e submissão das mulheres para sua consolidação.

Em março de 2014, eu comunicava a minha mãe sobre meu aceite no SISU e o ingresso na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) – o apoio de minha mãe e a recusa de meu pai desde o princípio estreitaram ainda mais as relações de dominação masculina em meu lar. Durante toda a formação meu pai buscou dissuadir o término da graduação, pelo fato de que a universidade era em outro estado.

Os anos se passaram, mas não as dificuldades iniciais na academia. As cobranças acadêmicas e familiares se mesclavam com as autocobranças. E, por mais diversificado que o projeto da UNILA se mostrasse, essa ainda era uma esfera gerenciada por uma pequena elite. Escreve Grada Kilomba (2019), o centro acadêmico não é um local neutro,

Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado a pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “Outras/os” inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. (KILOMBA, 2019, p. 50)

Pensamos que isso acontece porque ainda não temos a tão esperada titulação, mero engano, porque, mesmo na condição de portadoras de diploma, a estrutura racista que se formou não nos respeita. Durante esses anos, o que mais escuto é o relato de profissionais negras que são desrespeitadas nas salas de aula e no colegiado dos cursos; sempre e quando se posicionam.

Mesmo ocupando maioria considerável nos cargos de gestão pública e administrativas, a branquitude vale-se do racismo sempre e quando se sente ameaçada por pessoas negras. Segundo o historiador Lourenço Cardoso (2010, p. 610-611), “à identidade racial branca, a branquitude se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência do cenário local e global”. Segundo ele, sobre as teorias da branquitude, acredita-se que: “O principal aspecto em comum diz respeito ao privilégio que o grupo branco obtém em uma sociedade racista, tanto no contexto local quanto no global” (CARDOSO, 2010, p. 613).

Ao longo desses últimos anos, observei como mulheres negras se reinventaram para resistir nos espaços acadêmicos mesmo quando são silenciadas em sala de aula. Por vezes, somos obrigadas a lidar com professores e orientadores que julgam que não estamos sendo capazes de explicar nosso próprio projeto perante uma banca e por isso interferem, ou quando nossa escrita foge à noção de subjetividade permitida pela academia.

Durante esses anos muitos foram os relatos de abusos de professores que nos julgaram pouco auspiciosas, disléxicas ou mesmo que maquiaram nossos relatórios. Me recordo de um episódio no qual uma amiga foi chamada de autista por outro estudante com base no diagnóstico feito por uma professora em uma mesa de bar. Ou seja, não bastassem os estereótipos associados a nossa aparência e personalidade das ruas e do senso comum, também nos espaços acadêmicos somos levemente tratadas por pesquisadores/as brancos/as que se consideram antirracistas, anticlassicistas, antissistêmicos...

A academia também como esse lugar racista e sexista, onde raras vezes conseguimos a devida atenção administrativa frente às denúncias e/ou punição dos culpados.

Outra problemática repousa sobre nossos projetos e, por mais importantes que sejam nossas produções para o combate das desigualdades, “essas são recebidas com desconfianças e muitas vezes classificadas como ‘acientíficas’, ou demasiadamente ‘subjetiva’” (KILOMBA, 2019, p. 51). De acordo com Grada Kilomba (2019, p. 51), tais argumentos são respostas racistas que “funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos”.

A inevitabilidade do ingresso e a circulação cada vez maiores dos sujeitos tidos por “outros” dentro das universidades fizeram com que essas instituições buscassem novas estratégias de silenciamento, e a todo momento precisamos romper o ciclo de silenciamento que retira de nós a propriedade sobre as palavras, seja na oralidade ou na escrita.

Segundo Glória Anzaldúa (2000, p. 1), “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles”, e, muitas vezes, de fato, sentimos que ao escrever nós nos deparamos com muitos obstáculos aterrorizantes: preconceitos, incertezas e medos. Bell Hooks diria que “Fomos educadas para respeitar mais o medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar”

(2017, p. 3). E, diretamente, nós mulheres negras nos vemos obrigadas a confrontar as estruturas de pensamento aparentemente invisíveis mas que controlam todas as estruturas visíveis (SANTOS, 2005).

A escrita de Carolina de Jesus é marcada por um desvelar das cruzeiras oriundas do progresso e da urbanização do espaço, cruzeira essa que esconde a face da fome e marginaliza o sujeito, na medida em que empurra esses corpos para os espaços dormitórios da cidade, ou, como a autora os chama, os *quartos do despejo*. A autora trata dos abusos do centro, da vida de escassez de quem vive nesses espaços e da violência contra esses corpos, em especial dos corpos femininos.

Segundo Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), a condição nas favelas acabou por gerar uma situação análoga à vida dos escravizados/as nas senzalas durante o período colonial. Condição essa que resulta na objetificação dos corpos favelados que são diretamente dirigidos à vida nas fábricas. Carolina fala o mesmo sobre a relação dos senhores e empregados nas casas em *Pedaços da Fome* (1989).

A situação das mulheres negras é ainda mais cruel porque elas são vistas muitas vezes como hipersexualizadas e dessensibilizadas, confinadas à cozinha da antiga fazenda ou aos desejos de todos os homens (brancos e negros). Conseqüentemente, as principais instituições ocidentais (escolas, hospitais, serviços militares) acabam refletindo simultaneamente valores que reforçam a dominação racial, sexista e cristã (DAVIS, 2016).

Segundo o Dossiê Mulher RJ (ISP, 2015), as mulheres negras são

58,86% das mulheres vítimas de violência doméstica. 53,6% das vítimas de mortalidade materna. 65,9% das vítimas de violência obstétrica. 68,8% das mulheres mortas por agressão. Duas vezes mais chances de serem assassinadas que as brancas. Entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto os homicídios de negras aumentaram 54,2%.

Infelizmente, no Brasil, a violência e o feminicídio que afetam as mulheres negras ainda são uma constante e as estatísticas mostram que o corpo negro é o que vai com frequência parar debaixo do plástico preto². Ao que parece, a

² Aqui trazemos uma referência à música *A Carne Negra*, interpretada por Elza Soares, mulher negra de periferia, que até o presente momento se mostra enfática na luta contra o racismo, o sexismo e o classismo.

branquitude se preocupa mais em interromper um processo de ascensão do sujeito subalterno³ do que os homicídios que são a esse/a direcionados.

O desafio das mulheres negras intelectuais

Em se tratando de mulheres nas esferas de formação, existe sempre uma estrutura secular de opressões a ser combatida dentro e fora de nossas casas. Considera Bell Hooks que:

A socialização sexista inicial que ensina as negras mulheres que o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade. (HOOKS, 1995, p. 469)

Tal socialização no contexto das mulheres negras de periferia e mães solo é ainda mais perversa, porque nessas condições está exposta ao subemprego e se dedicar ao ofício de escritora é ainda mais difícil, quase impossível. Carolina de Jesus sabia bem o que era isso, passar a luz do dia buscando alimento e à noite, só depois de haver encontrado, ter paz para escrever. De acordo com Vera Eunice:

Passava a semana, ela vinha, vinha com comida, com vassoura... Até vassoura para varrer casa ela trazia. Era uma alegria. Era bem pretinha. A gente olhava assim no ônibus ela em pé. Para nós era uma alegria. Daí ela falava que daquele jeito ela tinha paz para escrever. Quando ela vinha com comida para casa, como ela falava, tinha tranquilidade mental para poder escrever. Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Aí era onde viam os romances, os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo.

Não obstante os marcadores sociais e raciais que estratificam nossa situação econômica, nos espaços acadêmicos precisamos “lutar contra aqueles estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual” (HOOKS, 1995, p. 472).

Há também, segundo Grada Kilomba (2019) citando Bell Hooks (1999, p. 148), constantemente, um esforço por parte dessas estruturas em nos lembrar que

³ A expressão “sujeito subalterno” é usada aqui como forma de referenciar o trabalho da indiana Gayatri Spivak (2008), intelectual que tem usado de sua posição para denunciar os privilégios e a opressão causada pelas divisões de castas e gênero na Índia.

esses espaços não foram projetados para nós. Com muita dificuldade muitos de nós negras/os de periferia acessamos o ensino superior na contramão do sistema e conseguimos nos manter. É nessas mesmas salas de aulas que discutimos as dimensões dos eixos que discriminam indivíduos historicamente, mas burocraticamente e gradualmente observamos esses sendo expulsos desses espaços.

A nossa permanência na academia e na vida é sempre o resultado de *atos de auto* e de constante afirmação “que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas” (KILOMBA, 2019 apud HOOKS, 1995, p. 474). Assim, falar dos *atos de auto* da escritora Carolina de Jesus é refletir sobre os *atos de autos* de outras mulheres negras que se recusam a permanecer nas cozinhas coloniais ou presas aos encantamentos da realidade cristã e capitalista. Escrever sobre *Toda mulher negra ser um ato de auto* é se posicionar, também, enquanto sujeito-autora.

1.1.1 *Bitita e intersecções*

A biografia de Carolina de Jesus se assemelha à de outras mulheres negras no Brasil, no tocante à criação solitária dos filhos, o abandono afetivo dos parceiros e o ingresso precoce no subemprego. A obra que melhor conta sua biografia é seu próprio livro, o *Diário de Bitita* (1989); no livro a autora conta sobre as aventuras e constatações de infância e perspicácia.

Carolina de Jesus nasceu em Sacramento, cidade de Minas Gerais, em 1914. Após a morte de sua mãe em finais da década de 1960 migrou para São Paulo, onde vivia às margens do Rio Tietê no espaço conhecido como Favela do Canindé. Segundo a autora, ela preferia estar só para o cuidado dos filhos a “sofrer na mão de homem algum” (JESUS, 1960, p. 14). Para Djamilia Ribeiro o cuidado das mães solo no Brasil é só um reflexo de um pai desculpado pelo patriarcado,

Desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães (...) mas mãe é um ser humano, e não alguém com superpoderes. Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa, e um pai ausente desculpado pelo patriarcado. (DJAMILIA, 2018, p. 87)

Mãe solo de seus três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos, a escritora os mantinha com as coletas diárias que fazia; quando encontrava alimento eles tinham o que comer, quando não encontrava não comiam, para a infelicidade da

mãe. Segundo Vera, essa vulnerabilidade socioeconômica explicava as constantes oscilações de humor da mãe:

Minha mãe era muito assim, difícil de lidar. Ela não aceitava muito que você falasse as coisas. O humor da minha mãe ia do céu ao inferno. No instante que ela estava feliz ela já se estressava. Hoje eu percebo que aquilo era reflexo da realidade que ela vivia com três filhos, ser mãe solteira. Naquela época nós só pensávamos em comida. A preocupação de alimentar os filhos.

Os textos de Carolina de Jesus retomam um problema mundial, estrutural no Brasil das décadas de 1960 e 1970, que se prolonga ao longo dos séculos e se agrava em momentos de crises mundiais: a fome. De acordo com Josué de Castro (1984, p. 30):

Trata-se de um silêncio premeditado pela própria alma da cultura: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido, ou pelo menos pouco aconselhável de ser abordado publicamente.

Trata-se de algo silenciado intencionalmente, a fome que afeta milhares. Era dessa fome que atingia a periferia brasileira que falavam de espaços e perspectivas diferentes, Josué e Carolina.

Josué de Castro (1984, p. 43), utilizando-se do estudo de George Soule, David Efron e Norman T. Ness, publicado no seu livro *Latin America in the Future World* (1945), informa que quase dois terços das populações latino-americanas apresentavam um quadro de subnutrição, quase metade da população do continente americano sofria de doenças infecciosas e carentes. O estudo considerava que, na segunda metade do século XX, a América Latina ainda vivia uma condição de trabalho sob regime semifeudal:

Com exceção da Colômbia, Argentina, Brasil e Uruguai, a percentagem de indivíduos produtivos ou dos bem remunerados é muito mais baixa do que nos Estados Unidos ou na Europa (cerca de 31% enquanto a dos Estados Unidos, no tempo do desemprego, era de 30,8%). Essa alta proporção de população não aproveitada constitui um grande peso para a parte economicamente produtiva. A capacidade produtiva do trabalhador latino-americano é muito inferior à do americano ou à do europeu, pelas razões acima expostas – subnutrição, ignorância e falta de aparelhagem adequada. (SOULE *et al.*, 1945 apud CASTRO, 1984, p. 43-44)

O estudo mostra como vivia parte dos trabalhadores e da população da América Latina, com completos quadros de desnutrição e analfabetismo; apontando como tais incidências eram ainda maiores em grupos indígenas alocados nas

idades. Josué de Castro denunciava a pouca visibilidade que os Estados davam ao problema da fome no mundo.

O diário de Carolina de Jesus conhecido internacionalmente como *Quarto de Despejo* (1961), aborda a questão da fome entre as famílias da periferia na grande São Paulo, trazendo ao debate a perspectiva dessa mãe solo, negra e pobre.

Sobre signos e poderes

Num país como o Brasil, quando as pessoas ingressam a um espaço publicamente compartilhado, classificam primeiro – imediatamente depois da leitura de gênero – binariamente, os excluídos e os incluídos, lançando mão de um conjunto de vários indicadores, entre os quais a cor, isto é, o indicador baseado na visibilidade do traço de origem africana é o mais forte. (SEGATO, 2005, p. 3)

A cor é o signo capaz de determinar tanto a mobilidade social quanto espacial dos sujeitos. Em relação ao lugar que o negro ocupa dentro da sociedade brasileira, Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982) trazem uma alegoria da favela como o não lugar do senhor, assim como os/as negro/as estariam atrelados à senzala, à cozinha e ao local de produção.

Da realidade desencantada ao encantamento do social

Carolina de Jesus também foi poetisa, escritora de contos, cantora e compositora de samba, nessa realidade desencantada e sobreposta. Kimberlé Crenshaw (2004, p. 10) afirma que quando pensamos na interseccionalidade não estamos lidando com “grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos”. Podemos afirmar que os eixos sobrepostos que discriminam Carolina atrapalham, mas não ofuscam o talento da escritora, poetisa, compositora.

O Gráfico 1, na próxima página, tem por objetivo ilustrar tantos eixos sociais que discriminam como as potencialidades da autora.

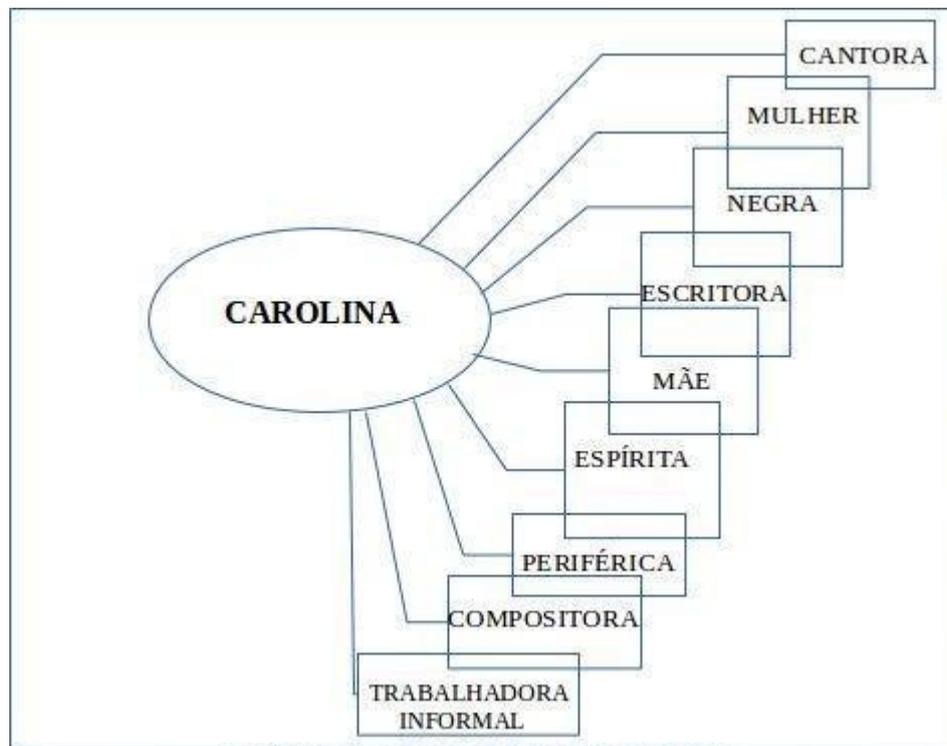


GRÁFICO 1- CAROLINA MARIA DE JESUS

De modo a sistematizar esses eixos criamos um quadro com as principais condições e também habilidades de Carolina Maria de Jesus, marcadores que impactaram diretamente a sua escrita. Podemos perceber que o ato da criação, seja de contos, poemas, músicas e provérbios, foi sempre uma ação seminal na vida da autora. Vera Eunice (2019) acreditava que talvez o momento mais feliz da vida de Carolina de Jesus tenha sido quando ela segurou pela primeira vez o livro *Quarto de despejo* em 1960.

Os homens e o amor na vida de Carolina

Carolina de Jesus (1986, p. 74) compara o amor com uma doença, que se não cuidada poderia levar à morte. Em outras afirmações, Carolina de Jesus chegou a dizer que os homens negros de sua época agiam sob certa acomodação e preguiça (JESUS, 1986, p. 58). Algo que também aparece na conversa com Vera Eunice sobre as preferências da mãe:

Ela namorava só estrangeiros brancos. Ela dizia que os negros não estavam na altura dela de cabeça. Ela era muito inteligente. Namora catedráticos, jornalistas, meu pai tinha uma indústria. O pai do meu irmão (cada um filho de um pai) tinha um frigorífico. O outro pai do meu tinha era um marinheiro português. Da outra filha que morreu, era um americano. Namorou com chilenos, ingleses.

A vida sentimental e amorosa de Carolina é um ponto complexo, tendo em vista o abandono afetivo como realidade às mulheres negras no Brasil, chegando a causar o que se pode chamar de celibato definitivo. Uma vez que essa parcela da população segue resistindo “o racismo institucionalizado (que opera também) nas escolhas afetivas” (OLIVEIRA; SANTOS, 2008, p. 9).

Diferentemente dos contos de *Era uma vez*, em que as heroínas sonham com um lindo casamento e príncipes em cavalos, a personagem de Carolina, chamada Maria Clara em *Pedaços da Fome*, também se vê abandonada durante a criação dos filhos e no sustento do lar. Na narrativa, ambas se veem interpeladas constantemente pelo dilema da fome.

Em 18 de julho de 1955, Carolina de Jesus (1961) escreve:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas (as vizinhas) têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barraco ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tábuas do barraco, eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escrava indiana. Não casei e não estou descontente.

Fome

Em 27 de maio 1958, Carolina (1961) escreve: “A tontura da fome é pior do que a do álcool, a tontura do álcool nos impele a dançar. Mas a fome nos faz tremer”. As lembranças de Vera Eunice sobre a infância intercalam-se também com o drama da fome e a angustiante incerteza de quando será a próxima refeição, como vemos neste relato:

O que eu lembro bem da infância é que ela sempre passava o dia procurando comida. Os meus irmãos comendo feito uns loucos. E ela sempre catando papel. Então ela saía para catar papel e deixava os meninos. Os meninos iam para a escola, porque ela nunca deixou de nos mandar para a escola. E a gente ia catar papel. Ela sentava na calçada para vomitar. Como ela falava: Vomitava amarelo. Essa cor amarela, ela trazia essa com ela. Aí ela catava os primeiros papéis, vendia e a gente ia comer. Aí sim, era como ela falava, que ela tinha força, como ela põe no *Quarto de Despejo*: “A força do alimento no organismo”. E aí, o que eu lembro bem é dela catando aquele papel. Às vezes ela tinha que correr porque ela tinha que trazer o dinheiro para casa.

Vera Eunice, ainda muito pequena, acompanhou o dilema da mãe no desespero dos filhos por comida. Esse tom amarelo que parecia persegui-los.

A insistência da mãe para que os filhos tivessem uma formação melhor que a dela refletia a crença na educação como modo de ascensão e construção pessoal que lhe foi negada na infância.

O ofício de escrever

Ela tinha seus momentos de cantar, minha mãe era muito alegre. Ela conversava muito com a gente, ela lia muito com a gente. Ela contava a história da vida dela com a gente. Tinha esse lado também. Essa foi minha infância. Mas ela nunca deixou de escrever. Ela escrevia em papéis de pão. Eu lembro bem dela, sempre escrevendo. Ela parava muito, e falava “espera aí”, pegava o papel e escrevia. Os manuscritos dela têm vários papéis e coisas repetidas. Tem muita coisa. (Vera Eunice, 2019)

Carolina de Jesus “nunca deixou de escrever”, sendo o seu momento preferido na madrugada, depois de ter alimentado os filhos. Foi assim que Carolina de Jesus, em fome, alimentava os próprios sonhos de ser escritora.

Este texto está longe de romantizar a dupla jornada de mulheres negras ou mesmo teorizar desde a fetichização da pobreza; dessas que assumem perante a sociedade a responsabilidade do cuidado dos filhos. Ao eleger falar sobre a vida e obra da autora, o fazemos por acreditar que

Tal realidade deve ser falada e teorizada. Deve ter um lugar dentro do discurso, porque não estamos lidando aqui com “informação privada”. Tal informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada. Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo. (KILOMBA, 1994, p. 57)

Nesse sentido, o olhar crítico e situado de Carolina de Jesus acerca do local e das condições em que viveu contribuiu tanto para a exposição do racismo que perpassou a realidade de milhares de brasileiras/os nas décadas de 60-70 quanto oferece material para analisar o processo de urbanização da cidade de São Paulo. Vera diz que a mãe faleceu em 1977, por causa da doença de Chagas e foi enterrada no cemitério do Cipó em Embu-Guaçu, na cidade de São Paulo.

A seguir refletimos sobre a precariedade do espaço das favelas a partir da autoetnografia de Carolina de Jesus e dos estudos de Teresa Caldeira e outros antropólogos.

2 PARADOXOS DA URBANIZAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES VERSUS A FOME DAS FAVELAS

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos. (JESUS, 1960, p. 17)

Esse fragmento do livro *Quarto de Despejo* (1960) deixa evidentes as pretensões da autora em descrever os aspectos da interação cotidiana entre os moradores da periferia do Canindé. Contudo, tais descrições excedem as relações interpessoais dos moradores resultando em análises socioeconômicas e políticas da cidade paulistana nas décadas de 60-70, fortemente agravadas pelo crescente processo de urbanização e precarização dos bairros periféricos.

Segundo Josué de Castro (1984, p. 296), a urbanização das grandes cidades foi marcada pelo discurso do desenvolvimento econômico, que colocava o país no dilema do aço e do pão, segundo ele:

A tendência predominante entre os economistas é de que se deve concentrar de início todo o esforço no aço, ou seja, na industrialização, obrigando-se a coletividade a participar com seu sacrifício na obra de recuperação nacional. É o que se chama de pagar o custo do progresso indispensável à emancipação econômica.

Todavia, antes, cabe refletir sobre a Revolução Industrial e as experiências europeias nos séculos XVIII e XIX a partir do processo de mobilidade das populações rurais às cidades. Com o êxodo rural as populações dos campos migraram às cidades e como consequência tiveram que se adaptar à aglomeração populacional, resultado direto da industrialização e da urbanização.

Tal mobilidade propiciou a formação da classe operária formada por trabalhadores das fábricas, que foram confinados aos espaços inóspitos além de serem os primeiros a ocuparem as ditas periferias (MAGNANI, 2012, p. 55). Durante

muito tempo, a cidade foi sinônimo de avanço e progresso, logo a vida no campo estava associada ao atraso e fadada ao desaparecimento.

Em *Uma antropologia da mobilidade* (2010), o antropólogo Marc Augé considera que “por muito tempo, a cidade foi uma esperança e um projeto, o lugar de um futuro possível para muitos e, ao mesmo tempo, um espaço de incessante construção”. Apenas com o passar do tempo o mito do social moderno tal como aborda Williams Raymond (1989, p. 157), tão característico da mudança rural para a industrial na Inglaterra foi encarado como um processo decadente.

Os habitantes da cidade também se viram perpassados pelos estereótipos da vida urbana, que lhes conferiam determinado comportamento e humor que frequentemente associava os cidadãos como mais propensos à irritabilidade e agressividade (RAYMOND, 1989).

O enquadramento e confinamento da classe operária não estava desprovido de interesses políticos, tal formação e separação geográfica das periferias não tratava apenas de distanciamento do centro, “mas de um projeto político e social” (AUGÉ, 2010, p. 34). Segundo Carolina de Jesus (1960, p. 22), “A favela é o pior cortiço que existe”. A vida nas cidades tornou-se inviável, pois havia uma enorme quantidade de operários vivendo em condições insalubres, em seus cortiços remendados, que teriam sido as antigas periferias.

2.1 AUTOETNOGRAFIA: PROJETO POLÍTICO DE (RE)EXISTÊNCIA

Os relatos descritivos de Carolina de Jesus partem de suas experiências enquanto mulher negra, mãe solo e moradora de uma favela em São Paulo. A autora tinha consciência de que estava relatando a condição de outras pessoas expostas à mesma realidade, “na favela todos lutam com dificuldades para viver, mas quem manifesta o que sofre sou só eu” (JESUS, 1960, p. 32).

As memórias descritas por Carolina de Jesus consolidam traços da sua identidade autoral e, por sua vez, essa identidade configura a reafirmação da sua posição de sujeito de direito. O que vem a ser um contraponto, uma vez que a realidade dela e de seus vizinhos os lança em um estado de invisibilidade.

Com a finalidade de conceitualizar o que aqui se entende por autoetnografia, utilizaremos dos escritos da antropóloga Daniela Versiani (2009, p. 7), que se utiliza do exemplo da literatura produzida por Garcilaso de La Vega, o último inca, ao

considerar que nessa escrita “La Vega soube reivindicar seus direitos ou mesmo construí-los”.

Para Versiani, Garcilaso de La Vega constrói sua identidade como autor, enquanto estaria legitimando seus direitos como sujeito. Carolina de Jesus faz o mesmo em seus diários ao reivindicar mudanças políticas e exigir direitos. Ao trazer o diário de Carolina Maria de Jesus como ferramenta para teorizar a urbanização no estado de São Paulo, observamos como este escrito tem a potência de um texto etnográfico, haja vista a propriedade com que a autora descreve tal realidade, e seus esforços de distanciamento e estranhamento como escritora.

De acordo com Jones, Adam e Ellis (2013), “a autoetnografia, em linhas gerais, tem como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento”, citados por Mota e Barros (2015, p. 1).

Ainda, segundo Versiani (2005, p. 58), a adoção da etnografia promove rupturas cruciais na maneira que os conhecimentos são transmitidos e elaborados. Para Daniela Versiani, a mudança se deve ao fato de o modelo tradicional de produção etnográfica estar baseado na unilateralidade do sujeito hegemônico, este, por sua vez, branco, masculino.

A autora se utiliza das contribuições de Julia Watson e James Clifford, no que diz respeito a compreender “a subjetividade como construção dialógica em processos interpessoais que ocorre em contextos multiculturais” (VERSIANI, 2005, p. 68). Sobre o conceito de autoetnografia, três aportes são importantes:

Primeiro: o conceito de autoetnografia pode servir como ponto de partida para a leitura de textos autobiográficos reunidos sob uma identidade coletiva. A presença do prefixo auto, do grego autos, serve de alerta contra a supressão das diferenças intra-grupo, enfatizando as singularidades de cada sujeito/autor, enquanto o termo etno localiza, parcial e pontualmente, esses mesmos sujeitos em determinado grupo cultural.

Segundo: o conceito de autoetnografia também parece produtivo para a leitura de escrita de sujeitos/autores que refletem sobre sua própria inserção social, histórica e identitária e, em especial, no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários, também como um possível modo de conquistar visibilidade política.

Terceiro: o conceito possibilita a noção de subjetividade construída de modo relacional, ou dialógica – também permitem pensar que texto de autoconstrução e subjetividades (coletâneas de autobiografias, as próprias autobiografias e memórias, cartas, e-mail etc.) podem ser lidos como textos com valor de etnografias e vice-versa, havendo entre as duas formas de escrita (auto e etno-grafias) aspectos intercambiáveis. (VERSIANI, 2005, p. 68-69)

A autoetnografia é apresentada como modo de enfatizar singularidade do sujeito/autor situado em determinado grupo cultural; geralmente associado a minorias políticas; ao passo que constrói a partir de si próprio tais identificações.

2.2 FAVELA DO CANINDÉ: UM PROJETO POLÍTICO DE EXCLUSÃO

Ao descrever a segregação espacial durante a urbanização do Estado de São Paulo ao longo do século XX nos valeremos dos estudos de Teresa Caldeira (2000), para quem o período estaria marcado pela convivência de diferentes grupos sociais por vezes alocados na mesma região mas divididos por enclaves fortificados. Segundo Caldeira (2000) a urbanização da cidade de São Paulo pode ser descrita em três fases:

- A primeira fase teria surgido no final do século XIX até os anos 1940, o que produziria uma cidade concentrada, na qual os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena, mas que estavam segregados por tipos de moradia.
- A segunda fase estaria marcada pela transformação dos espaços de centro e de periferia durante os anos de 1940 até 1980.
- Finalmente, a terceira fase implicava um processo que Teresa chamou de “enclaves fortificados”, que consiste em dizer que as diferentes classes sociais criaram mecanismos de habitar o mesmo espaço mas com inúmeras maneiras de distinguir-se e se proteger (CALDEIRA, 2000).

Isso pode ser visto pela concentração das classes média e alta nos bairros centrais com boa infraestrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias, de acordo com Caldeira (2000).

Sobre a infraestrutura das regiões da periferia, a autora acrescenta ainda:

Além disso, o plano indicou que 60% das ruas não eram asfaltadas e 76% não tinham iluminação pública (São Paulo, Sempla 1995:19). A distribuição de infraestrutura e de serviços públicos era bastante desigual. Enquanto no

centro 1,3% dos domicílios não tinha água encanada, 4,5% não estavam ligados à rede de esgoto, 1,7% não tinha asfalto e 0,8% não tinha coleta de lixo, num distrito novo, na periferia leste, como Itaquera, em 89,3% dos domicílios não havia água encanada, 96,9% não dispunham de esgotos, 87,5% não tinham asfalto e 71,9% não dispunham de coleta de lixo. (CALDEIRA, 2000, p. 228)

Como consequência, os trabalhadores urbanos, os desempregados, as mães solo, em sua maioria negros e negras, foram impelidos a ocupar os espaços marginais e periféricos. A urbanização marcou não apenas a industrialização e modernização da paisagem, mas aparece o campo espacial de segregação racial e social dos sujeitos.

A expansão da periferia à exposição a essas condições resulta no aumento das taxas de mortalidade, que entre 1940-1960 haviam diminuído. A falta de infraestrutura na favela do Canindé é uma constante no texto de Carolina de Jesus, conforme vemos no seguinte trecho parte das dificuldades em acessar água potável e energia elétrica:

Deixei o leito, fui buscar a água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila (...)

20 de Julho - Deixei o leito às quatro para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...)

15 de Maio de 1955 - Enquanto eu pretendia consertar a luz, o Ramiro dizia: "Liga a luz, senão eu te quebro a cara". O fio não dava para ligar a luz, precisava emendá-lo. Sou leiga da eletricidade. (JESUS, 1960, p. 15-28)

A falta de saneamento básico era a causa de constantes inundações, segundo Vera Eunice (2019):

Quando chovia não tinha condições de ficar no barraco. A gente saía e íamos para o albergue, eles falam que o albergue hoje é uma maravilha, não sei se mudou, mas na época era um inferno. Porque você dormia em lençóis sujos ou com cheiro de urina. As mulheres saíam nuas para tomar banho, eu não via, porque minha mãe tapava o rosto da gente. Minha mãe era muito alta, minha mãe abaixava e falava para a gente: – Vocês querem ficar aqui ou vocês querem dormir na rua? A gente dizia que queria ir para a rua. Só que a rua, ninguém merece dormir na rua. Noites longas, terrível. A gente pedia para voltar para o barraco. Voltava e a casa com água. Mas o que ela fazia, ela me amarrava no teto com um lençol. E os meus irmãos ela levava nadando para a escola.

De acordo com Caldeira (2000, p. 227-228 apud CAMARGO *et al.*, 1976, p. 28), "Em 1968, o PUB (Plano Urbanístico Básico) mostrou que 52,4% dos domicílios não tinham ligação de água, 41,3% não estavam ligados à rede de esgotos e 15,9% não dispunham de coleta de lixo".

Para Carolina de Jesus a precariedade da vida nas favelas estava associada aos desvios do poder público, dos políticos que não olhavam para as demandas do povo. Segundo Teresa Caldeira (2000, p. 55), esse descrédito pelo aparato estatal é “Uma das principais contradições que marcam o Brasil contemporâneo é a que existe entre a expansão da cidadania política e a deslegitimação da cidadania civil”.

Em seu diário Carolina menciona o distanciamento das lideranças políticas da realidade vivenciada pelo povo, isso porque, segundo a autora, os representantes políticos tenderiam a ceder aos interesses de uma pequena elite:

15 de Maio – Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O Sr. Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável, tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de veludo. Brincava com nossas crianças, deixou boas impressões por aqui. E quando se candidatou a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita, a prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

16 de Maio – Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Ademar e queimar o Juscelino. *As dificuldades cortam o afeto do povo pelos políticos.* (...)

20 de Maio – É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo. E o que está no quarto de despejo ou se queima ou se joga no lixo. (JESUS, 1960, p. 28-33)

De acordo com Carolina existe por parte das lideranças políticas certa “aproximação” na favela quando se trata de véspera de eleições na busca de votos, e operam por meio da entrega de presentes visando comprar possíveis eleitores. Carolina de Jesus não esconde a sua insatisfação quanto ao conjunto de decisões tomadas pelos governantes da nação.

O descrédito nas instituições, segundo Teresa Caldeira (2000, p. 55), é característica política da democracia disjuntiva que se formou no Brasil em séculos anteriores, processo esse que a autora fundamenta em princípios de insegurança produzidos a partir da “fala do crime”:

O universo do crime – incluindo a fala do crime e o medo, mas também o crescimento da violência, o fracasso das instituições da ordem, especialmente a polícia e o sistema judiciário, a privatização da segurança e da justiça e o contínuo cercamento e segregação das cidades – revela de uma forma sintética e marcante o caráter disjuntivo da democracia brasileira.

Nesse sentido, os escritos de Carolina de Jesus figuram entre um dos grandes exemplos de observação da realidade social nas periferias a partir de seus próprios moradores. Ao autoetnografar o local em que viveu, a autora construiu uma identidade autoral à medida que reivindicava seus direitos sociais enquanto sujeito pertencente a determinada comunidade. Os dilemas referentes à questão racial também permeiam a escrita da autora que tinha consciência da segregação social e racial no contexto paulistano e os grupos que estavam confinados nas favelas ou cidades.

Prova disso é a famosa citação da autora em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 27). Por que é tão importante para Carolina falar do local de onde parte sua poesia, segundo Lélia Gonzáles (2019):

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.

Desse modo, a escrita de Carolina de Jesus se destaca pela própria exposição que ela cotidianamente vivencia de dentro da periferia enquanto favelada, marginalizada, exposta a simultâneas violências por seu sexo, raça e classe. A seguir refletimos os impactos da segregação espacial descritos por Vera Eunice (2019).

A história de vida de Vera Eunice

Conforme relatado na introdução, as entrevistas aconteceram no mês de junho de 2016 no local de trabalho de Vera Eunice e em locais públicos da grande São Paulo. Aqui buscamos remontar as especificidades da escrita de Carolina de Jesus não retratadas em seus escritos. Tal entrevista pode ser encontrada na íntegra ao final do texto.

A interlocutora diz ter nascido em um dos piores momentos de Carolina de Jesus. Segundo ela, em 1953 quando nasceu, nem condições a mãe tinha de ir ao médico, por isso seu parto foi realizado na favela mesmo. A idade avançada da mãe

agravou o período de aleitamento materno, o que forçou os irmãos maiores a sair na favela buscando por comida entre os vizinhos.

Naquela época, o fubá, a água e o óleo eram a principal comida da família. Vera se lembra da mãe dizendo que, ainda recém-nascida, ela e os demais comeram isso para sobreviver, já que a mãe ficou impossibilitada de trabalhar. Nascida e criada na favela, Vera Eunice (2019) diz que a sua vida, bem como a dos irmãos e da mãe, foi buscar comida na rua.

Para Vera Eunice era muito difícil o relacionamento da mãe com os vizinhos, tendo em vista o comportamento da mãe e seus gostos. Segundo ela, a mãe escrevia e lia muito, gostava de valsas e não permitia que as crianças se “misturassem” com os filhos dos demais.

Vera recorda que aos domingos sua mãe os mandava ao cinema. Para Vera, ela e seus irmãos eram vítimas do ódio das demais moradoras pela inveja que sentiam de sua mãe, por isso os inúmeros episódios de agressão contra seu irmão mais velho, nos quais Carolina tinha que intervir.

Podemos extrair mais informações sobre a precariedade das construções ainda nas conversas de Vera Eunice (2019), que, segundo ela, nos dias de chuvas o barraco ficava alagado. Eles eram obrigados a se deslocarem para albergues na região. Para Eunice as condições dos albergues eram tão insalubres, que eles preferiam dormir na rua. A falta de saneamento básico é um fator que torna mais grave a situação dos moradores que vivem sob vulnerabilidade econômica.

Escreve aos políticos em *Quarto de Despejo* (1960): “aos pretendentes da política é que o povo não tolera fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (JESUS, 1960, p. 26). O Brasil precisa ser dirigido por alguém que já tenha passado fome, porque, segundo ela, a fome também ensina a pensar no próximo.

E por que escrevia Carolina? Para denunciar a penúria da vida na favela? Para tocar nas feridas sociais? Para mostrar como era a vida na margem? Para alimentar a alma? Vera Eunice (2019) diz que a mãe escrevia porque ser escritora era seu sonho, conforme vemos:

Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Ai era onde vinham os romances, os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo. Passava a noite inteira escrevendo sem luz.

Ela punha vela no sítio, e punha vela em cima do meu pé... e falava: “Você não se mexa, porque eu vou escrever. Se você se mexer, você vai dormir sozinha”. Eu tinha medo, eu não me mexia. E ficava ouvindo o barulhinho da caneta a noite toda. Então eu tenho certeza, ela escrevia a noite inteira. Então minha mãe escrevia assim, ela estava andando na rua e vinha um poema. Ela já escrevia o poema. Como eu falei quando ela tinha aquela paz interior. A vida dela foi escrever. Eu me lembro, a vida inteira dela foi escrevendo. Naquela fome que a gente passava diferente, mas era uma espécie de fome.

Aqui percebemos os desafios dessa escrita, e porque são grandes manifestações desse estado de crueza. Carolina inventa a si, os momentos e locais de escrita, ou melhor, fazia de todos os seus momentos, minutos para a escrita de sua obra. Bell Hook (2017, p. 473) consegue condensar isso quando diz que: “As intelectuais negras sabem o valor do tempo passado sozinha”.

Ainda que na favela, no cortiço, na margem, na periferia, no subúrbio, na vida de fome compartilhada por milhares, no esgoto aberto, na falta de segurança, na falta de água, nas noites dormidas ao relento, no frio, na fome, no desespero, no medo, na angústia, nas frequentes ideias suicidas, nos filhos em fome, na crueza, novamente crueza, na crueldade, no suor mesclado com lágrima, no vômito amarelo, na comida, na escassez de comida, na comida de lata, no suor, no medo, no desespero, na angústia, na solidão, no barraco, no rebotalho, no trocadilho, seja nas vozes de Estamira, de Carolina, de Tulla, e de tantas outras mulheres poetisas negras de periferia, o machismo, o sexismo e o racismo precisam ser denunciados e combatidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto vale ou é por quilo a carne que para debaixo do saco preto?

Este texto teve por objetivo discorrer sobre as intersecções presentes na vida e obra da autora Carolina de Jesus à luz dos relatos de Vera Eunice coletados durante o trabalho de campo em 2019. Compreendemos que os textos de Carolina de Jesus abordam dilemas cruciais não apenas à população brasileira mas à população mundial e dizem respeito à fome, à urbanização e à precarização da vida nas periferias.

A autora falava da fome que deveras sentia, da fome que a fazia vomitar amarelo.

Os textos escritos de Carolina ou mesmo as autoetnografias dizem muito sobre a urbanização da cidade de São Paulo nas décadas de 60-70. A intensa industrialização da grande metrópole aliada ao mau planejamento obrigou a criação desses locais de margem, que eram, simultaneamente, locais dormitórios e de despejos.

Como Carolina dizia: a favela é o local do despejo, o palácio eram os centros urbanos, as cidades.

A escrita de Carolina de Jesus é marcada pelo descrédito ao aparato social, o que Caldeira (2010) disse ser um dos aspectos da democracia disjuntiva. A autora rejeita o total abandono das autoridades políticas que se voltavam à periferia apenas nas épocas de eleições e com isso o povo era conduzido por seus discursos esvaziados.

As entrevistas de Vera Eunice (2019) e os textos de Carolina de Jesus mostram que a resistência e invenção da autora eram diários. A escrita de Carolina de Jesus é simultaneamente a superação das múltiplas ausências: ausência de discursos sobre a mesma realidade, ausência de oportunidades, ausência de visibilidade, ausência de recursos financeiros que a possibilitassem dedicar-se ao ofício de escritora, ausência de estímulos externos, ausência de pares discursivos, ausência de comida, ausência de tempo, ausências de oportunidades, ausências...

Esses espaços criados por meio da escrita eram dedicados à exposição da realidade de abandono, onde a autora podia refletir sobre o desespero de quem vivencia a fome no olhar dos filhos. *A história de Carolina nos faz perguntar: como é possível ser intelectual em tais condições? Em nível metodológico, “Como adentrar as esferas do campo sem ser afetado por questões que cercam a pesquisadora-autora deste texto? Sendo eu mulher negra residente de periferia que acredita na educação tão profundamente quanto Carolina?”.*

Esse trabalho é importante por se tratar da visibilidade do cenário de produção da escrita de Carolina e muitas outras que desafiavam seus próprios recursos, mesmo que em um contexto menos adverso e caótico, contudo não menos complexo.

Ao trazer os textos de Carolina como exemplos de autoetnografia, não o fizemos apenas por se tratar de descrições espaciais, mas pelo teor e rigor das análises, que exigiam da autora por vezes um distanciamento e estranhamento da

realidade, fosse para enxergar as discrepâncias sociais ou a própria digressão que o progresso da urbanização imprimia na realidade dos moradores da periferia.

Assim podemos afirmar que a autoetnografia perpassa o pessoal e alcança uma esfera coletiva, são dilemas e situações compartilhadas por um grupo, no caso de Carolina, os/as favelados/as. Nesse ponto, a obra de Carolina de Jesus constrói uma plataforma de denúncia dessa população marginalizada, vivendo nesses espaços sem infraestrutura e insalubres na década de 60-70.

Seu sonho de que suas palavras fossem registradas também convergiu para que muitos silêncios fossem rompidos. Escrever este texto foi colocar para fora demônios ao falar sobre medos e escrever em crueza de quem sente o que gera. Ao subverter a escassez e a fome para criar, Carolina moveu não apenas a própria estrutura, mas toda uma estrutura de milhares de mulheres negras que seguem se inspirando em sua trajetória. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Angela Davis).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Editora Companhia das Letras, 2017.

ALBERT, Bruce. “Situação etnográfica” e movimentos étnicos – notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, 2014.

ANZALDÚA, Gloria *et al.* Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Papirus Editora, 1994.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP, 2010.

BEHAR, Ruth. Rage and redemption: reading the life story of a mexican marketing woman. **Feminist Studies**, v. 16, n. 2, p. 223-258, 1990.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Editora 34, 2000.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, 2010, v. 8, n. 1, pp. 607-630.

CASTRO, Josué de *et al.* **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 1965.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. **Cruzamento**: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DOVE, Nah. Mulherisma Africana: uma teoria afrocêntrica. **Jornal de Estudos Negros**, v. 28, n. 5, pp. 1-26, 1998.

FREYRE, Gilberto *et al.* **Casa-grande & senzala**. 2002.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. A. **Lugar de negro**. Editora Marco Zero, 1982. v. 3.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 337, 2012.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Editora SESI - Serviço Social da Indústria, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. Editora Aquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Livraria F. Alves, 1960. v. 1.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Orfeu Negro, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. Rio de Janeiro: Geledés, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. Terceiro Nome, 2012.

MOHANTY, Chandra Talpade. De vuelta a Bajo los Ojos de Occidente. **Descolonizando el feminismo**. Madrid: Cátedra, p. 407-464, [2003], 2008.

OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 7, n. 2, pp. 9-20, 2018.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYÌWÙMÍ, Oyèrónké. (Conceptualizing gender: the eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of african epistemologies. African gender scholarship: concepts, methodologies and paradigms). **CODESRIA Gender Series**, Dakar, CODESRIA, v. 1, p. 1-8, 2004.

PRADO, Marcos. **Estamira**. Vinny Filmes, 2012. DVD.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora Companhia das Letras, 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 2012.

SEGATO, R. L. **Raça é signo**. Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias**: conceitos alternativos em construção. 7Letras, 2005.

VERSIANI, D. B. Considerações sobre a noção de autor. **Literatura em debate**, v. 3, n. 4, pp. 01-20, 2009.

WEBER, Max. **Ética protestante**. NoBooks Editorial, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Outras fontes

Para compreender a “América” e o “pretuguês” por Lélia Gonzalez Outras Palavras Eurocentrismo em XequePublicado 22/07/2019 às 19:10 - Atualizado 22/07/2019 às 19:12

APÊNDICE

Fotografia 1 – Diário de Campo – junho de 2019 - Raquel Souza e Vera Eunice de Jesus Lima - Praça da Alimentação Shopping Villa Lobos



ANEXOS

Entrevistas

Vamos começar aqui pelo meu nascimento em 1953. Segundo a Carolina foi a pior época da vida dela, porque ela já tinha os dois filhos e já morava na favela. Era só ela para sustentar os filhos, e como ela falava, que ela estava em uma idade mais avançada quando eu nasci. Ela ficou 22 dias na cama com dor. Nem ir para o hospital ela foi. Os meninos precisavam comer, então, ela contava que eles pegaram um baldinho de alumínio, foram de casa em casa na favela, e que cada pessoa pôs uma colher de comida e daí eles chegavam com a comida toda misturada. E aí foi que eles se alimentaram.

Ela disse que ela estava morrendo na casa, porque eu nasci lá na favela, veio uma parteira, deu uma injeção, foi o que fez meu parto. Então ela me chamava de favelada. “Você nasceu na favela”, porque meus irmãos nasceram em hospitais e eu nasci na favela. Quando eu nasci ela não tinha leite, e não tinha nada para comer, aí ela tinha fubá e tinha óleo e um pouco de água. E ela era assim, se a comida não tivesse óleo, para ela não tinha valor. Porque ela dizia que o óleo é que dava força, então ela misturou o óleo e o fubá e falou: “Se tiver que morrer, vai morrer”. E ela falava, “se tiver que morrer, vai morrer”. E ela dizia, “a mais saudável da turma é você, a que tem mais saúde, a que era para ter mais problema”. Então eu já nasci assim.

E eu questionava ela, porque meus irmãos têm fotos de pequeno e eu não tenho. Eu questionava muito ela, porque ela não tirava foto. Daí ela falava: “Não tinha nem o que comer, nem dava para você comer, como é que eu ia tirar foto?”. Aí, fomos criadas lá na favela, como é narrado no Quarto de Despejo. Na favela sempre procurando comida, comida, comida.

O meu pai era um espanhol, e me reconheceu, só não registrou porque ele era casado e naquela época não podia. Só que eu tenho documentos falando que ele era meu pai. E ele dava uma pensão.

A gente vivia sempre pedindo comida para ela. O que eu lembro bem da infância é que ela sempre passava o dia procurando comida. Os meus irmãos comendo feito uns loucos. E ela sempre catando papel. Então ela saía para catar papel e deixava os meninos.

Não me deixava com ninguém. Aonde ela ia ela me levava. Primeiro porque ela nunca quis ter uma menina e eu também sempre questionei isso. Hoje, eu entendo a situação a partir da vida que ela teve, se for uma menina, acho que ela pensava que mulher sofre mais. Na época eu não entendia, hoje eu entendo isso.

Os meninos iam para a escola porque ela nunca deixou de nos mandar para a escola. E a gente ia catar papel. Ela sentava na calçada para vomitar. Como ela falava: Vomitava amarelo. Essa cor amarela, ela trazia essa com ela. Aí ela catava os primeiros papéis, vendia e a gente ia comer. Aí sim, era como ela falava, que ela tinha força, como ela põe no Quarto de Despejo: “A força do alimento no organismo”. E aí, o que eu lembro bem é dela catando aquele papel. Às vezes ela tinha que correr, porque ela tinha que trazer o dinheiro para casa.

Eu me lembro bem de um episódio que uma mulher falou assim: “Tem um cachorro pobre ali, você pega esse cachorro que eu te dou um prato de comida”. Daí ela me pôs sentada em cima de um murinho, ela pegou aquele cachorro, pôs no saco, quando ela chegou em casa, a gente tinha mania de quando ela chegava já sentava à mesa porque ela trazia comida, a gente achou que era comida, mas quando ela abriu a sacola viu que eram ratos mortos.

Minha mãe não era muito bem-vista na favela porque ela gostava de valsas vienenses, ela lia muito, ela escrevia muito, ela não se misturava, ela não deixava os filhos se misturarem. Aos domingos ela catando papel, mesmo assim, ela deixava o dinheiro reservado para mandar para o cinema. Ela sempre tinha essa preocupação. Mas as faveladas lá não gostavam muito dela. Meus irmãos não podiam fazer nada que elas iam para cima. Ela tinha uma cicatriz muito grande na perna de um dia que ela entrou na frente de uma mulher que queria atacar meu irmão com um canivete.

Mas tinha os momentos de cantar, minha mãe era muito alegre. Ela conversava muito com a gente, ela lia muito com a gente. Ela contava a história da vida dela com a gente. Tinha esse lado também.

Quando chovia não tinha condições de ficar no barraco. A gente saía e íamos para o albergue, eles falam que o albergue hoje é uma maravilha, não sei se mudou, mas na época era um inferno. Porque você dormia em lençóis sujos ou com cheiro de urina. As mulheres saíam nuas para tomar banho, eu não via, porque minha mãe tapava o rosto da gente. Minha mãe era muito alta, minha mãe abaixava e falava para a gente: “Vocês querem ficar aqui ou vocês querem dormir na rua?”. A gente dizia que queria ir para a rua. Só que a rua, ninguém merece dormir na rua. Noites longas, terrível. A gente pedia para voltar para o barraco.

Voltava e a casa com água. Mas o que ela fazia, ela me amarrava no teto com um lençol. E os meus irmãos ela levava nadando para a escola. Aí hoje, eu fico pensando eu com uns quatro assim, a cabeça dela devia ficar a mil.

Essa foi minha infância. Mas ela nunca deixou de escrever. Ela escrevia em papéis de pão. Eu lembro bem dela, sempre escrevendo. Ela parava muito, e falava “espera aí”, pegava o papel e

escrevia. Os manuscritos dela têm vários papéis e coisas repetidas. Tem muita coisa.

Adolescência

Após ela conhecer o Audálio Dantas, saímos da favela. Aí nos mudamos da favela. Só que eu questionava o Audálio, que agora já é falecido, mas eu questionava ele por que minha mãe escrevendo a vida dos outros, ela falava que estava escrevendo, a mulher gostava de valsa de vienenses, gostava de tudo diferente, a mulher escrevia, a mulher lia. Ele publicou o livro e deixou minha mãe na favela. Eu questionava ele: “Uai, você deveria ter tirado minha mãe pelo menos um mês antes”. Nós saímos lá da favela debaixo de pedra. Minha mãe levou uma pedrada no olho esquerdo, quase fica cega.

Logo que o livro foi publicado minha mãe já aparecia nos jornais. Todo mundo via. Tem uma parte que ela escreve que ela estava andando na favela escondida, ela mesma se escondendo. Ela ficou com medo, porque os outros favelados pegaram raiva. A publicação do livro foi um sucesso.

Daí nos mudamos e todo mundo queria aparecer com Carolina. Nós fomos morar no porão da casa de um dos acionistas do açúcar União. A gente foi morar no porão, mas tinha muita comida. O que a gente queria, queria comer! Precisava dormir. Eles mandavam comidas maravilhosas para a gente.

Fomos morar um ano em Osasco. Em uma casa lá de móveis. Aí fomos para Santana. Na década de 70. Daí você imagina, negra, mãe solteira, namoradeira, namorava demais, gostava das valsas vienenses bem altas, escritora, semianalfabeta, tinha tudo para não dar certo ali. Então ela não foi muito bem-aceita lá.

Minha mãe viajava muito. Meus irmãos ficavam mais tempo sem ela, eu era quem estava o tempo todo com ela. Nessa época minha mãe ficou muito famosa. Minha mãe era uma mulher inteligente com as palavras, mas não sabia administrar. Nós morávamos em um sobrado, amanhecia o dia tinha uma fila de gente na porta pedindo para buscar o filho não sei onde, tirar filho da prisão, compra, viagem. Ela ficava ali tentando ajeitar. Ela abrigava os mendigos na rua. Não tem onde dormir, ela levava para casa. Eles roubavam as coisas dela. Então a gente via aquele monte de mendigo em casa. O pessoal dizia: “Sua mãe é louca, né, pôr esses mendigos dentro de casa”. Daí a gente ficou naquela situação.

Vida pessoal de Carolina

Minha mãe era muito assim, difícil de lidar. Ela não aceitava muito que você falasse as coisas.

Ela assinou um contrato na Itália para realizarmos um filme, eu e meu irmão do meio. O mais velho cresceu demais. Com o dinheiro do contrato ela comprou o sítio em Parelheiros.

Nessa época ela namorava demais. Ela namorava só estrangeiro. O pessoal que costuma dizer que minha mãe apenas namorava estrangeiros, posso fazer nada. E brancos. Ela dizia que os negros não estavam na altura dela de cabeça. Ela era muito inteligente. Namora quem catadráticos, jornalistas, meu pai tinha uma indústria. O pai do meu irmão (cada um filho de um pai) tinha um frigorífico. O outro pai do meu irmão era um marinheiro português. Da outra filha dela que morreu era um americano. Namorou com chilenos, inglês.

Minha mãe dizia: “Qual o homem que só vai aceitar uma mulher que só quer escrever? Que só pensa em escrever?”. O humor da minha mãe ia do céu ao inferno. No instante que ela estava feliz ela já se estressava. Hoje eu percebo que aquilo era reflexo da realidade que ela vivia com três filhos, ser mãe solteira. Naquela época nós só pensávamos em comida. A preocupação de alimentar os filhos. Minha mãe com feridas nas pernas que adquiriu quando esteve presa. Ela também sofria da doença de Chagas. E o maior sonho dela era escrever.

Se me perguntassem “qual o momento que você viu sua mãe muito feliz?”, eu diria quando ela pegou o livro Quarto de Despejo impresso, nas mãos. E viu o nome dela escrito. Ali foi a realização dela.

Sítio em Parelheiros

Um belo dia ela colocou tudo dentro de um carro e disse que nós íamos embora para Parelheiros. A casa não tinha piso, sem luz, sem janela, sem porta. Nessa época meu irmão de 15 anos se revoltou. Nessa época eu era menina ainda, uns 9-10 anos. Meu irmão já não queria que ela namorasse mais, e os dois entraram num embate, os dois.

Na mesma época ela deixou de receber os direitos autorais. Os filhos adolescentes não arrumavam emprego. O problema agora era que a gente tinha feijão mas não tinha arroz, porque lá não dava arroz. Não tinha café, açúcar, óleo. Mas tinha ovos. Eu lembro como se fosse hoje, a gente ficava esperando a galinha botar. Aí vinha aquele ovo, ela corria e fazia um bolinho de fubá.

Minha mãe nessa época saía e falava assim: “Eu vou sair, se eu conseguir comida eu volto para casa. Se eu não conseguir nada eu vou me matar. Eu vou me suicidar”. Ela falava muito de suicídio. Isso é mal do escritor, não é? Aí a gente ficava em casa, ela ficava uma

semana sem aparecer. Todos os dias o meu irmão, não tinha luz, ele fervia a pilha e punha o bombil... E ficávamos assim os três no rádio... Ele falava: “Vamos escutar a Hora do Brasil, porque se ela se matar a gente vai saber, porque ela é escritora. Não ouvia, a gente corria até o ponto. Da minha casa eram dois quilômetros até o ponto. A gente corria e ficava esperando em cima do barranco. A gente corria, voltava.

Passava a semana ela vinha, vinha com comida, com vassoura... Até vassoura para varrer casa ela trazia. Era uma alegria. Era bem pretinha. A gente olhava assim no ônibus ela em pé. Para nós era uma alegria. Daí ela falava que daquele jeito ela tinha paz para escrever. Quando ela vinha com comida para casa, aí como ela falava, “tinha tranquilidade mental para poder escrever”.

Então era deitada debaixo das árvores e ali ela escrevia. Ali era onde vinham os romances, os provérbios, os poemas, peças teatrais, novelas. Tudo ela escrevia. Ela escrevia de tudo. Segundo o Audálio, pessoas duvidavam que ela havia escrito tudo aquilo, mas ele disse que era impossível ele escrever o Quarto de Despejo com todos aqueles erros. Porque ele era um homem culto, e era muito complicado você retroceder.

A minha mãe era espírita. Toda a cidade de Sacramento era espírita. Então eu fui uma menina assustada. Criada assim com medo de morto absurdo. Ela falava: “Fulano morreu e veio falar comigo”. Eu tinha medo, então eu dormi com a minha mãe até ser moça. Minha mãe escrevia a noite inteira. Passava a noite inteira escrevendo sem luz. Ela punha vela no sítio, e punha vela em cima do meu pé... e falava: “Você não se mexa, porque eu vou escrever. Se você se mexer, você vai dormir sozinha”. Eu tinha medo, eu não me mexia. E ficava ouvindo o barulhinho da caneta a noite toda.

Então eu tenho certeza, ela escrevia a noite inteira. Então minha mãe escrevia assim, ela estava andando na rua e vinha um poema. Ela já escrevia o poema. Como eu falei, quando ela tinha aquela paz interior. A vida dela foi escrever. Eu me lembro, a vida inteira dela foi escrevendo.

Naquela fome que a gente passava diferente, mas era uma espécie de fome. Gente doente não tinha condições de comprar remédios, nada. Na juventude começamos a trabalhar.

Carreira

O pessoal sempre pergunta: “Por que você é professora?”. Na realidade, pela convivência com minha mãe, eu me sobressaía muito em português. Eu acredito que isso se deve ao fato de que minha mãe falava muito bem. Minha mãe xingava a gente em casa, a gente não entendia o que ela falava. Falava muito palavras cultas.

Minhas redações eu colocava o que eu escutava em casa. Então, minhas redações eram sempre cheias de palavras cultas. Antigamente no jornal da Folha tinha um espaço para a exibição das melhores redações, eu sempre ganhava.

A minha mãe sempre teve o interesse em aprender. Ela escrevia farmácia com ph. Mas ela também escrevia coisas como nós vai, nós vem... Então ela sempre quis apreender concordância verbal, conjugação.

Então com dez anos eu comecei a ensinar minha mãe. Eu costumo dizer que minha primeira aluna foi minha mãe. Comecei a corrigir os livros dela e meu irmão datilografava. Então ela começou a escrever melhor.

O Quarto de despejo: diário de uma favelada tem bastante erro. Já o Pedacos da fome está mais bem escrito. Querem publicar novamente o Pedacos da fome, mas gostaria que fosse publicado com o nome que ela escolheu: Felizarda. Eu quero no prefácio desse livro acrescentar que ele está mais bem escrito por causa das minhas correções ao lado dela. Nos manuscritos originais você pode observar minha letra.

Depois da primeira publicação minha mãe conheceu muitos outros escritores, como Clarice Lispector e Jorge Amado. Com Clarice, diferentemente do que foi dito, que minha mãe era apenas uma empregada para Clarice, ela dizia que minha mãe era uma grande escritora porque ela escrevia a realidade. Me recordo do Jorge Amado haver tratado minha mãe com desprezo possivelmente por ciúmes, e isso ela nunca esqueceu.

Escritos de Carolina

Um dos grandes problemas de Carolina era, por exemplo, que ela poderia estar escrevendo aqui, se você chegasse e dissesse “que lindo”, ela te daria a obra. Nisso tem algumas obras em posse de pessoas no Paraná e outros locais, que não querem me entregar. Os escritos que eu confiei ao museu em Sacramento que estão abandonados também não querem entregar.

Em uma palestra uma moça se levantou e disse: “Essas pessoas têm obrigação de te entregar, porque eram de sua mãe. Não existe isso de você querer advogado, eles devem te entregar”.

Mas na realidade eu não quero os escritos de minha mãe para deixar dentro do quarto, para mim. Não tenho nem fotos. Porque eu acho mais vantajoso para outras pessoas manusearem um livro dela, uma foto dela, uma revista dela, do que estar preso em um quarto.

Um verdadeiro absurdo é o acervo do Audálio Dantas. Quem me falou foram algumas pessoas do Museu Afro que na época de inauguração do museu fizeram um estande para minha mãe. Carolina foi a primeira a entrar naquele museu. Eu mesma doeje várias coisas minhas. Eles me perguntaram quem teria mais coisas, eu disse que possivelmente o Audálio Dantas.

Eles procuraram o Audálio, ele nos últimos momentos de sua vida estava muito bom, e disse que o pessoal poderia catar o que eles quisessem. Dez minutos depois o Audálio disse: “Acabou”. Eu sabia que o Audálio faria aquilo.

Tempos depois o Audálio pediu as coisas novamente. O Audálio como um jornalista renomado não aceitou que o museu não tivesse colocado os créditos da doação. Isso foi um dilema para ele. Eu mesma pedi que ele não tirasse.

No museu você encontra as fotos, os pertences de Carolina. Tem também minhas coisas lá. Acho que está no lugar certo, no Museu Afro. Meus alunos podem acessar lá. Tem uma entrevista minha lá. Lá eles preservam o acervo.

Eu pedi ao Audálio que desse o restante do acervo. Ele concordou, porém a família dele na última hora não deixou. Acabou que nem para mim, nem para ele, nem para a esposa. Agora para os filhos deles. O Instituto Carolina vai tentar depois negociar esse material.

Eu fui a uma palestra de um debate entre mim e o Audálio, eu lendo que eu comia do lixo em lembranças vagas, eu vi quando ele retirou uma foto minha de uns quatro anos de idade com um pão podre na boca. Ele me chama, eu olho para ele e ele tira foto de mim com o pão podre na boca. O pão está completamente podre. Eu pedi para ele, falou que ia me dar, mas não me deram. Nem eu vi direito a foto naquele dia.

Entre Carolina e Eunice

O pessoal diz que eu tenho muito dela. O pessoal acha eu meio marrenta igual a ela. Mas não é que a gente é marrenta. São as coisas que vão acontecendo e você vai mudando. O problema é como as pessoas chegam. Tem que saber chegar. Algumas pessoas prometem coisas que no decorrer do tempo não cumprem.

Audálio Dantas eu não sei se ele pegou dinheiro da minha mãe ou não pegou. Eu também não tenho como saber, eu falava para ele que minha mãe confiou muito nele.

Minha madrinha era secretária do governo, e ela falou para mim: “Vera, eu quis publicar o livro da sua mãe e ela não me deu. Ela confiou no Audálio Dantas”.

Agora, o que teve entre eles é difícil saber. Minha mãe era uma pessoa muito introspectiva. Ela podia falar muito ou ela podia não falar nada. Ela podia estar conversando com você aqui ou ela podia deixar você e sair embora. Ou ela também poderia falar tudo para você numa boa. Quem é que ia entender Carolina Maria de Jesus?

Mas eu acho que nesse centenário dela agora ela está bem reconhecida internacionalmente. E aqui também, nome de escola, nome de rua, teatro, academia, filmes... Quantas querem ser a Carolina? A Gal, a Zezé Mota, querem interpretar a Carolina. Então, né, muitas Carolinas?

Morreu a Tulla, uma escritora negra, mãe solteira de três filhos, empregada doméstica; eu achava a história dela muito parecida com a da minha mãe. Detalhe, ambas morreram de insuficiência respiratória. Nossa, até nisso elas se pareciam. Mas existem muitas Carolinas.

Falecimento de Carolina

Depois ela ficou muito doente. A gente chamou o Audálio. Ele me disse que se arrependeu muito de deixar minha mãe. Ele falou que ele deveria ter tido mais paciência. Nós sabíamos que minha mãe era difícil. Eu falei para ele deixar minha mãe com adolescentes na situação que ela ficou. No começo eu não podia ver a cara do homem, depois tivemos uma conversa, e pela história o pessoal falava: "Tenta amizade com ele". Ele queria conversar comigo, eu não queria. Até que eu cedi, e falei para conversarmos, ele me disse que falasse tudo que eu pensava dele. Na ocasião eu lavei a alma. E fui falando. E ele foi dizendo que agiu errado, que se arrependia disso, daquilo. Então foi uma conversa até boa.

Eu já era casada já, com meu filho. Ela estava feliz quando meu filho nasceu, era um menino.

Em 1977 ela faleceu. Mas foi assim uma coisa muito de repente. Ela tinha doença de Chagas. Nós saímos esse dia, o meu irmão mais velho já estava muito doente. Então nós fomos visitá-los.

Aí no domingo meu irmão falou: "A mãe morreu". Não acreditei que ela tivesse morrido. Porque ele que era o doente. Achei que foi uma teimosia dela, porque se ela estava passando mal ela tinha que ir para o médico, e não ir para onde ela foi. Ela morreu lá no cipó na casa do meu irmão. Na quinta eu estive com ela, e ela estava bem.

Eu não tive dinheiro para fazer o enterro. Uma vizinha me chamou e falou: "Eu vou pagar o enterro. E você me paga quando puder". Daí, ela emprestou o dinheiro e fizemos o enterro. Mas não comprou flores porque eu também não tinha. Quando nós chegamos ao cipó onde ela está enterrada, a cidade é do interior, tinha muita gente na rua. Os sinos estavam tocando.

Durante a missa o padre disse: “Quem tiver flores, traga para Carolina Maria de Jesus. Mas quem não tiver pode tirar do jardim”. Daí todo mundo foi e tirou do jardim. Tinha muita criança do lado dela no caixão. Inclusive um menino que estava do lado do caixão o tempo todo está hoje enterrado do lado dela. O túmulo foi doado.

No dia seguinte eu recebi uma carta. Me disseram que ela havia escrito uma carta. Em que ela pedia que eu tomasse conta do meu irmão, porque ele já não estava bem, que era para eu nunca vender o sítio. Que leva o nome dela. Que eu fizesse o túmulo dela com livros. Eu coloquei no túmulo dela livros com o nome dela. Que eu perpetuasse o nome dela. Não deixasse ela morrer na literatura.

Certo dia retornei ao cemitério do Cipó e todas as placas de identificações haviam sido retiradas, menos a da minha mãe. Tempos depois a da minha mãe também havia sido removida. Na terceira vez que voltei ela estava lá de novo. Eu pude perceber, com isso, que eles devem algum apreço à memória da minha mãe.

O presente

Essa menina hoje está muito interessada na história da minha mãe. Por isso, recuperar o acervo de minha mãe é uma briga minha. Morena Sales falou para mim: “Nós vamos fazer um faxilami, vocês me dão tudo, que eu coloco em um cofre”. Mostrou o cofre climatizado, iam fazer um museu. Mas o secretário da cultura não quer.

Algumas escolas privadas em São Paulo têm me chamado para palestrar aos seus estudantes para que eles se inteirem de outras realidades. Durante uma palestra no Senac conheci um representante da Fundação Casa, e me comprometi a palestrar lá. Como as realidades desses meninos diferem uma da outra.

Eu tenho interesse em reescrever os livros da minha mãe. Mas o secretário da cultura disse que antes quer digitalizar. Quando eu fui buscar já não me dá mais. Minha filha reclamou pela forma como ele trata os manuscritos de maneira indevida. O que eu percebo nessas pessoas que portam os manuscritos é que eles têm um sentimento de posse. Nem eu que sou filha, que poderia estar com esse sentimento de posse, tenho.

O meu objetivo agora é editar os manuscritos que estão em Sacramento. Esse é o legado da minha mãe para que nós propagássemos as ideias dela. Em Sacramento existem manuscritos que são inéditos. Que você lê as primeiras linhas e você já se encanta. Eu nem posso falar muito porque sou filha, mas são lindos. Existem textos que eu nunca li.

Existem poemas, provérbios, poesias, músicas, muita coisa para quem recebeu apenas um ano e meio de formação.